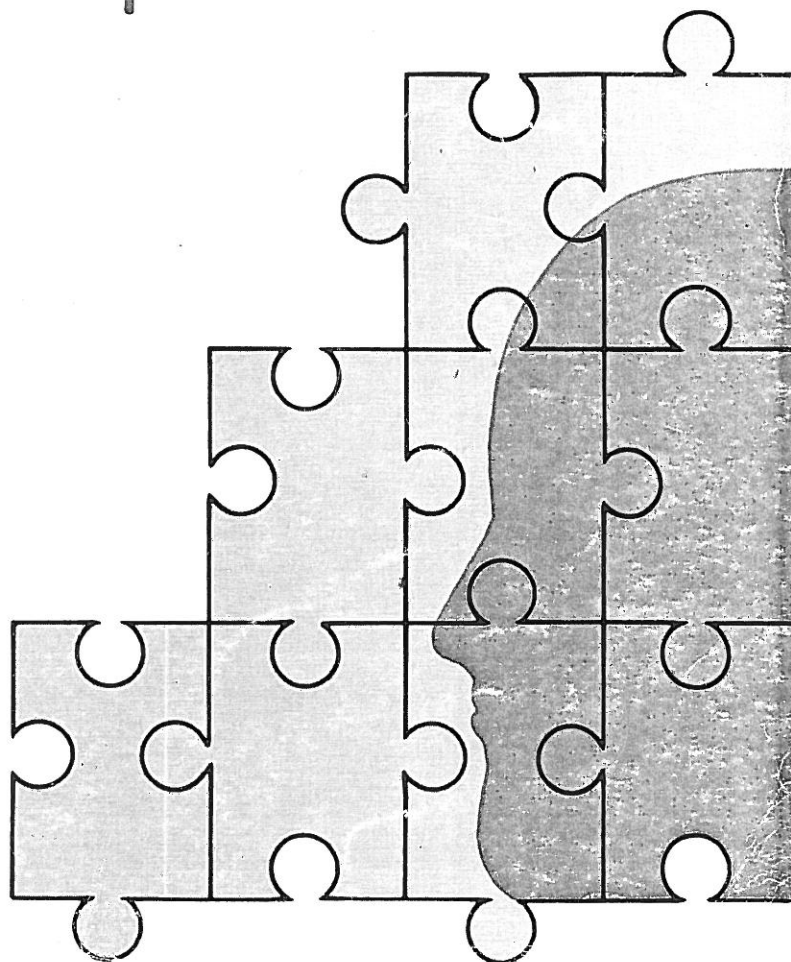


Terapia Ocupacional

Vol. 2 – Número 1

Fevereiro/91



Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional

Este trabalho procura analisar aquilo que o indivíduo tem de mais profundo e vivo dentro dele: *a sua cultura*, buscando apreender e compreender o modo de vida, os padrões de comportamento, sistemas de crenças, arte, moral, ou qualquer outra forma de expressão assimilada pelo paciente em seu próprio grupo social.

Portanto, a proposta deste trabalho é contribuir com o estudo da Terapia Ocupacional (e também de outras profissões da área de saúde que buscam entender o indivíduo na sua totalidade) a partir de uma análise das relações existentes entre a ação do paciente e suas raízes culturais.

A idéia partiu de nossa vivência como terapeuta ocupacional no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, onde são atendidos pacientes das mais variadas procedências do Brasil. Durante estes 3 anos e meio de trabalho com pacientes psicóticos, começamos a observar o que de sua cultura estes indivíduos expressavam em processo terapêutico, ao lidar com atividades como argila, madeira, pintura, tapeçaria, jardinagem, costura, etc.

Cultura, aqui entendida, como sendo: "as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convi-

vem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte". (OSTROWER, 1987, p. 9).

A tentativa de compreender a dinâmica da ação do paciente, a partir de uma visão extratificada do ser humano, mostrava-nos a insuficiência deste enfoque para a compreensão da complexidade das questões que emergem da prática assistencial com indivíduos de procedências diversas e muitas vezes diferentes do próprio terapeuta. Surgia uma necessidade de buscar um entendimento dos fatos no contexto de sua complexidade. Como enfatiza Geertz, é preciso procurar relações sistemáticas entre fenômenos diversos.

"E para conseguí-lo, precisamos substituir a concepção 'estratigráfica' das relações entre os aspectos da existência humana por uma sintética... É uma questão de integrar diferentes tipos de conceitos de tal forma que possa formular proposições significativas incorporando descobertas que hoje estão separadas em áreas estanques de estudos" (GEERTZ, 1972, P. 49-50).

* Do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da FMUSP - SP. Av. Dr. Arnaldo, 455 - 2º andar - CEP 01246 - São Paulo

Este estudo desenvolve-se a partir do pressuposto de que não se pode considerar a prática do sujeito desengajada de suas próprias relações sociais, das condições e modo de produção, do lugar que ocupa o sujeito e da forma de se colocar frente a essas circunstâncias que lhe são únicas. É necessário conhecer a realidade do universo cultural para se compreender realmente o outro.

Para isso, buscamos entender a cultura a partir do enfoque da antropologia cultural, por esta ter como função compreender o ponto de vista particular de cada grupo social, estudando os produtos da atividade mental de cada grupo: o comportamento exterior, a fala, os gestos, as atividades das pessoas, e os resultados palpáveis como instrumentos, casas, artesanato, artes, danga etc. (KLUCKHON, 1963, p. 45). Ela procura definir a cultura com um conjunto de costumes, mostrando que existe um significado e um objetivo em toda ação do ser humano, podendo responder como cada povo vive e como chegou um a ser como é.

Como esclarece Ruth Benedict em "O Cristianismo e a Espada", a "cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas" (BENEDICT, 1988, p. 41). O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais, e mesmo as posturas corporais são, assim, produtos de uma herança cultural. Com isso indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, se expressar. Pois é somente quando nos tornamos menos ignorantes sobre um povo e que suas ações passam a se tornar menos obscuras, menos imprevisíveis, incoerentes e *imorais*, e com isso menos interpretáveis erradas e mal entendidos podem ocorrer.

Por isso, ao se tentar compreender o outro, interpretar suas ações, é necessário buscar o significado de seu comportamento particular, projetando-o sobre o pano de fundo dos sentimentos, dos motivos, dos valores característicos de sua cultura. Pois

" O Brasil é um curto-circuito antropológico: uma aventura de etnias e culturas, em conflito e em mestiçagem permanente (...). "

Somos um país de muitas cores, nuances e matizes (...). Pois são essas numerosas diversidades, reunindo desde a cultura cabocla do vale amazônico, até os urbanóides de São Paulo, que nos constituem e nos singularizam na 'global village' (...). "

Mas é preciso definir em termos brasileiros, o significado dessas diferenças. Afinal somos todos iguais perante a natureza — perabnte as irrevogáveis leis da vida e da morte — mas não somos todos iguais perante a cultura (...).

Antônio Risério e Gilberto Gil, ao escreverem para a Folha de São Paulo do dia 28 de maio de 1988, retratam com clareza essa questão das diferenças culturais dentro da identidade nacional brasileira:

Em sua, tudo o que o indivíduo faz está inserido dentro de um contexto de significados, e por isso, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida. O homem, ao se expressar, fala sobre si, sobre sua vida, seus costumes e valores.

maneira de pensar, sentir e se comover, abraça a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem viver e conscientemente e as incursões ao inconsciente.

Para de seu âmbito pessoal. Abrange a maneira de pensar, sentir e se comover, abraça a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem viver e conscientemente e as incursões ao inconsciente.

Em sua, tudo o que o indivíduo faz está inserido dentro de um contexto de significados, e por isso, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida. O homem, ao se expressar, fala sobre si, sobre sua vida, seus costumes e valores.

avalia certos problemas traduz, sem dúvida, reflete anseios e convicções de caráter particular a partir de suas vivências também particulares. Mas, por mais que o indivíduo se individualize, existem aspectos valorativos, coletivos, culturais que estão fora de seu âmbito pessoal. Abrange a maneira de pensar, sentir e se comover, abraça a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem viver e conscientemente e as incursões ao inconsciente.

Assim, tudo que está sendo formado e transformado pelo homem já vem impregnado de valores culturais. Não se esteja negando a individualidade do indivíduo, pois a maneira pela qual este aborda e avalia certos problemas traduz, sem dúvida, reflete anseios e convicções de caráter particular a partir de suas vivências também particulares. Mas, por mais que o indivíduo se individualize, existem aspectos valorativos, coletivos, culturais que estão fora de seu âmbito pessoal. Abrange a maneira de pensar, sentir e se comover, abraça a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem viver e conscientemente e as incursões ao inconsciente.

Assim, tudo que está sendo formado e transformado pelo homem já vem impregnado de valores culturais. Não se esteja negando a individualidade do indivíduo, pois a maneira pela qual este aborda e avalia certos problemas traduz, sem dúvida, reflete anseios e convicções de caráter particular a partir de suas vivências também particulares. Mas, por mais que o indivíduo se individualize, existem aspectos valorativos, coletivos, culturais que estão fora de seu âmbito pessoal. Abrange a maneira de pensar, sentir e se comover, abraça a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem viver e conscientemente e as incursões ao inconsciente.

O Brasil é um laboratório de diferenças".

O ponto central deste trabalho está justamente aí: poder apreender o significado de cada ação humana, relacionando-a sempre ao seu contexto. Para isso, faz-se necessário partir da própria consciência do paciente, tentando observar a totalidade de sua expressão e compreender e apreender ao máximo a cultura que carrega cada indivíduo.

Mas, como poderá o terapeuta interpretar estas significações sem recorrer às formas de pensamento próprios de sua cultura? Aqui se encontra a grande questão: a *compreensão verdadeira do outro*. O que é que nos garante que a percepção subjetiva de fenômenos, pelo terapeuta, apresente algo comum com o do paciente de cultura diferente daquele?

É necessário reconstruir a história de cada paciente, não no que diz respeito somente ao individual, mas também ao seu coletivo. É fundamental que o terapeuta recuse a si próprio como indivíduo particular que pertence a determinado grupo social, que deixe de identificar-se com sua própria civilização, seus valores, seus quadros lógicos tradicionais, afim de poder compreender realmente o significado particular e cultural do outro. O terapeuta deve tentar entender as simbologias expressas pelos pacientes em suas atividades, não a partir de seus próprios valores, padrões e

crenças, mas sim a partir de toda a complexidade da dinâmica do outro. Pois toda expressão (verbal ou não-verbal) sempre vai comunicar — conteúdos carregados de experiências culturais vividas e absorvidas ao longo de toda a história de cada um. O terapeuta que não se dispuser realmente a conhecer o contexto de vida do paciente, pode incorrer no risco de fazer interpretações erradas, pois tudo que o indivíduo faz está inserido dentro de um contexto de significado próprio de suas tendências individuais e culturais.

"Uma determinada catedral é feita de pedra e vidro, mas não apenas pedra e vidro, é uma catedral, e não somente uma catedral, mas uma catedral particular construída num tempo particular por certos membros de uma sociedade particular. Para compreender o que isso significa, para perceber o que isso é exatamente, é preciso conhecer mais do que as propriedades genéricas da pedra e do vidro e bem mais do que é comum a todas as catedrais. É preciso conhecer também os conceitos específicos das relações entre Deus, o homem e a arquitetura que elas incorporam, uma vez que foram eles que governaram a sua criação. Não é diferente com os homens: eles também são artefatos culturais". (GEERTZ, 1972, p. 62-63)

RESUMO

A complexidade das questões que emergem da prática assistencial com indivíduos de procedências diversas e muitas vezes diferentes do próprio terapeuta, mostra-nos que uma visão cindida do homem é insuficiente para a compreensão de sua ação.

Este trabalho pressupõe, então, a compreender a influência da cultura no agir e pensar de cada indivíduo, aprendendo o significado de cada ação humana, relacionando-a sempre ao seu contexto.

É necessário reconstruir a história de cada paciente, não no que diz respeito somente ao individual, mas também ao seu coletivo e cultural.

Descritores: TERAPIA OCUPACIONAL/tendências
ANTROPOLOGIA CULTURAL
SAÚDE MENTAL

ABSTRACT

The complexity of questions which emerge from the attendance with individuals from different origins and, most of the time, different from the therapist, himself, shows us that a partial vision of the person isn't enough for the understanding of this action.

The aim of this work is to understand the influence of culture in the way of acting, thinking of each persons, assimilating the meaning of each human action, always relating it to its context. It's important to reconstruct the story of each patient, not only concerning the himself but also his cultural and social environments.

Keywords: OCCUPATIONAL THERAPY/tendências
ANTROPOLOGY, CULTURAL
MENTAL HEALTH

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDICT R. 1988. *O Crisântemo e a Espada*. Editora Perspectiva, São Paulo.
- CALDAS, W. 1986. *O que todo mundo precisa saber sobre cultura*. Editora Global, São Paulo.
- CUVILLIER, A. 1975. *Sociologia da Cultura*. Editora Globo, Rio de Janeiro.
- GEERTZ, C. 1972. *A Interpretação das Culturas*. Editora Globo, Rio de Janeiro.
- KLUCKHOHN, C. 1963. *Antropologia. Um espelho para o homem*. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.
- OSTROWE, F. 1987. *Criatividade e Processo de Criação*. Editora Vozes, Petrópolis.
- RISÉRIO, A. e GIL, G. 1988. *Democracia e diferença. Folha de S. Paulo*. 28/04. Ilustrada. São Paulo.